

# LUIGI PIRANDELLO

## O FINADO MATIAS PASCAL

### *ÍNDICE*

- I. Premissa*
- II. Premissa segunda (filosófica) à guisa de desculpa*
- III. A casa e a toupeira*
- IV. Foi assim*
- V. Maturação*
- VI. Tac tac tac*
- VII. Mudo de trem*
- VIII. Adriano Meis*
- IX. Um pouco de névoa.*
- X. Pia de água benta e cinzeiro*
- XI. De noite, olhando o rio*
- XII. O olho e Papiano*
- XIII. A pequena lanterna*
- XIV. As proezas de Max*
- XV. Eu e a minha sombra*
- XVI. O retrato de Minerva*
- XVII. Reencarnação*
- XVIII. O finado Matias Pascal*

Extraído do livro *Biblioteca dos prêmios Nobel de Literatura*  
Editora Opera Mundi  
Rio de Janeiro, 1970.

# I

## PREMISSA

Uma das raras coisas, a única talvez que eu soubesse ao certo, era esta: que me chamava Matias Pascal. E disso tirava partido. Todas as vezes que algum dos meus amigos ou conhecidos demonstrava ter perdido o juízo a ponto de me procurar para um conselho ou sugestão, eu encolhia os ombros, fechava os olhos e respondia:

— Eu me chamo Matias Pascal.

— Obrigado, meu caro. Isso eu já sei.

— E lhe parece pouco?

Nem a mim parecia grande coisa. Mas naquele tempo eu ignorava o que significava o fato de não saber nem mesmo aquilo e de não poder responder prontamente:

— Eu me chamo Matias Pascal.

Com certeza aparecerá alguém para se condoer de mim, imaginando a atroz desgraça de um infeliz que, de repente, descobre... Afinal de contas: nem pai, nem mãe, nem como foi ou como não foi; e, com certeza há de se indignar com a corrupção dos costumes, os vícios, a tristeza dos tempos que podem provocar tantos males a um pobre inocente.

Esteja à vontade. Mas é meu dever avisá-lo de que não se trata exatamente disso. Poderia expor aqui numa árvore genealógica a origem e descendência de minha família e demonstrar que não só conheci meu pai e minha mãe, como também meus antepassados e suas ações, nem todas realmente louváveis.

— E então?

Aí está: o meu caso é muito mais estranho e diferente; tão diferente e estranho, que me proponho a narrá-lo.

Por cerca de dois anos fui, não sei se caçador de ratos ou guardador de livros, na biblioteca legada ao nosso Município por um tal Monsenhor Boccamazza ao morrer em 1830. É óbvio que esse Monsenhor devia conhecer muito pouco a índole e os hábitos de seus concidadãos; ou talvez esperasse que o seu legado viesse acender naqueles ânimos o amor pelo estudo. Até agora não acendeu, e o afirmo em louvor de meus concidadãos. O Município demonstrou tão pouco reconhecimento ao Boccamazza que nem sequer consentiu em lhe erigir um simples busto. Quanto aos livros, ficaram por muitos e muitos anos amontoados num vasto e úmido depósito, e foram retirados depois (imaginem em que estado) e colocados na afastada e abandonada igreja de Santa Maria Liberale. Aí os livros foram confiados a ociosos protegidos que, por duas liras ao dia, os guardavam (ou não guardavam), suportando durante algumas horas o bafio do mofo e da velharia.

Tal sorte coube também a mim. Desde o primeiro dia formulei tão mísero conceito dos livros, impressos ou manuscritos que não me teria posto a escrever se não julgasse verdadeiramente estranho o meu caso e em condições de servir de ensinamento a algum leitor curioso que, na eventualidade de se realizar finalmente a antiga esperança de Monsenhor Boccamazza, viesse porventura parar nesta biblioteca. Lego a esta biblioteca este meu manuscrito, mas com o compromisso de ninguém o abrir a não ser cinquenta anos após *a minha terceira, última e definitiva* morte.

Uma vez que no momento (e Deus sabe o quanto isto me dói) estou morto já duas vezes, mas a primeira por engano, e a segunda... Vocês vão ouvir.

## II

# PREMISSA SEGUNDA (FILOSÓFICA) À GUISA DE DESCULPA

O conselho para escrever veio de meu reverendo amigo Dom Eligio Pellegrinotto, presentemente responsável pelos livros da Biblioteca Boccamazza e a quem confio o manuscrito, logo que estiver terminado.

Escrevo aqui na igreja à luz que vem da clarabóia da cúpula. Fico na abside, reservada ao bibliotecário e fechada por uma baixa grade de madeira com pequenas colunas, enquanto Dom Eligio arqueja sob o encargo que assumiu de dar um pouco de ordem a esta verdadeira babilônia de livros. Temo que ele jamais termine. Antes dele ninguém havia cuidado de saber que espécie de livros aquele Monsenhor doara ao Município. Imaginava-se que quase todos deveriam tratar de assuntos religiosos. Dom Eligio descobriu, para maior consolo seu, uma enorme variedade de assuntos na biblioteca de Monsenhor, e como os livros foram apanhados daqui e dali no depósito e misturados da forma que vinham, a confusão é indescritível. Pela vizinhança, estabeleceram-se falsas e absurdas amizades entre estes livros. Dom Eligio Pellegrinotto me disse, por exemplo, que sofreu as maiores dificuldades para separar um tratado mui licencioso *Da Arte de Amar as Mulheres*, de 1571, escrito por Anton Muzio Porro, de *uma Vida e Morte de Faustino Materucci, Beneditino de Polirone, que alguns chamavam bem-aventurado*, biografia editada em Mântova, no ano de 1625. Por causa da umidade as capas dos dois volumes se haviam ligado fraternalmente. No livro segundo daquele tratado licencioso se discorre longamente sobre a vida e as aventuras monacais.

Muitos livros curiosos e agradabilíssimos foram pescados das prateleiras da biblioteca por Dom Eligio Pellegrinotto, que ficava o dia inteiro trepado numa escada de acendedor de lampiões. Todas as vezes que descobre algum atira-o do alto sobre a grande mesa que está no centro. A igreja retumba; ergue-se uma nuvem de poeira e fogem duas ou três aranhas apavoradas. Pulo a grade da abside e dou caça às aranhas na grande mesa empoeirada, usando o próprio livro; depois, abro-o e me ponho a folheá-lo.

Pouco a pouco tomei o gosto por leituras. Dom Eligio diz que o meu livro deveria seguir o modelo desses que ele vai desencovando na biblioteca, e impregnar-se do seu particular sabor. Encolho os ombros e respondo que não é problema para mim. E depois outra coisa me entretém.

Todo suado e empoeirado, Dom Eligio desce da escada e vem tomar um pouco de ar na hortazinha que ele arranjou de fazer surgir aqui, atrás da abside, toda protegida em volta por gravetos e estacas.

— Pois é, meu reverendo amigo — digo-lhe, sentado no murinho, com o queixo apoiado no castão da bengala, enquanto ele atende às suas alfaces. — Nosso tempo já não me parece adequado para escrever livros, nem por brincadeira. Em relação também à literatura, bem como a tudo o mais, devo repetir o meu estribilho: *Maldito seja Copérnico!*

— Oh! Oh! Oh! Mas que tem Copérnico a ver com isso! — exclama Dom Eligio, erguendo-se com o rosto afogueado sob o chapelão de palha.

— Tem muita coisa, sim, Dom Eligio. Porque quando a Terra não girava...

— Ora, essa! Mas se ela sempre girou!

— Não é verdade. O homem não sabia, logo era como se não girasse. Mesmo agora, para alguns, não gira. Sabe o que outro dia um velho camponês me respondeu ao que lhe disse sobre o movimento da Terra? Que era uma boa desculpa para os bêbedos. Afinal de contas, nem mesmo o senhor pode pôr em dúvida que Josué fez parar o Sol. Mas vamos deixar isto para lá. No tempo em que a Terra não girava e o homem, vestido de grego ou romano, desempenhava tão nobre papel e se tinha em alta estima deleitando-se com a própria dignidade, nesse tempo acredito que se pudesse aceitar uma narração minuciosa e cheia de ociosos particulares. Lê-se ou não se lê em Quintiliano, como o senhor me ensinou, que a história devia ser feita para contar e não para provar?

— Não nego — respondeu Dom Eligio — mas também é verdade que nunca foram escritos livros tão minuciosos e com mais secretos particulares, como depois que, segundo suas palavras, a Terra se pôs a girar.

--Está bem! *O senhor conde levantou-se cedo, precisamente às oito e meia... A senhora condessa vestiu um hábito lilás com ricas flores de renda no pescoço... Teresinha morria de fome... Lucrécia estava perdida de amor... Oh! Santo Deus! E quer que me importe com isso? Estamos ou não estamos em cima de um invisível pião movimentado por um raio de sol, em cima de um grãozinho de areia que roda, roda loucamente, sem saber por que, sem chegar jamais a um destino, como se sentisse prazer em rodar assim, para nos proporcionar ora um pouco mais de calor, ora um pouco mais de frio, e para nos fazer morrer, muitas vezes conscientes de todas as pequenas tolices cometidas depois de cinquenta ou sessenta rotações? Copérnico, Copérnico, meu caro Dom Eligio, arruinou a humanidade irremediavelmente. Agora, todos nós nos adaptamos à nova concepção da nossa infinita pequenez, considerando-nos menos que zero no Universo, com todas as nossas belas descobertas e invenções; então, que valor o senhor quer que tenham as notícias, já não digo das nossas misérias particulares, mas até mesmo das calamidades gerais? As nossas, agora, são histórias de vermes. O senhor leu sobre aquele pequeno desastre das Antilhas? Nada. A Terra, coitadinha, cansada de girar sem meta, como quer aquele cônego polaco, teve um pequeno movimento de impaciência e soprou um pouco de fogo por uma de suas tantas bocas. Quem sabe o que lhe teria provocado aquela espécie de bÍlis? Talvez a estupidez dos homens que nunca foram tão enfadonhos como agora. Basta. Vários milhares de vermes torrados. E vamos para frente. Quem fala mais nisso?*

Dom Eligio Pellegrinotto me faz observar que, mesmo realizando os maiores esforços para cruelmente dilacerar e destruir as ilusões que a sábia natureza nos havia proporcionado com tão boas intenções não o conseguimos. Por sorte, o homem se distrai facilmente.

Isso é verdade. O nosso Município, em certas noites marcadas no calendário, não permite que se acendam os lampiões e muitas vezes, se o tempo está nublado, deixa ficar tudo no escuro.

Isso quer dizer, no fundo, que até hoje acreditamos que a lua não esteja no céu para outra coisa, a não ser para nos iluminar de noite, assim como o sol, durante o dia, e ainda as estrelas, para nos oferecerem um magnífico espetáculo. Seguramente. E muitas vezes esquecemos, e de bom grado, que somos átomos infinitesimais, a fim de podermos respeitar-nos e admirar-nos reciprocamente. Somos capazes de nos engalfinhar por um pedacinho de terra ou de nos queixar a propósito de certas insignificâncias que se estivéssemos realmente compenetrados do que somos, deveriam parecer-nos misérias incalculáveis.

Pois bem, em virtude dessa distração providencial, mais do que pela extravagância do meu caso, falarei de mim, porém o mais brevemente possível fornecendo apenas as notícias que achar necessárias.

Algumas delas não me serão muito honrosas, mas eu me encontro em condição tão excepcional que posso considerar-me já fora da vida e, portanto, sem obrigações e sem escrúpulos de qualquer espécie. Começemos.

### III

## A CASA E A TOUPEIRA

Apressei-me em dizer, no início, que havia conhecido meu pai. Não o conheci. Tinha quatro anos e meio quando ele morreu. Em viagem à Córsega, numa embarcação de sua propriedade e em meio a certos negócios que ali fazia, não voltou mais, tendo morrido em três dias de uma febre pernicioso, contando então com trinta e oito anos de idade. Deixou relativa fortuna para a mulher e os dois filhos, Matias (que seria eu, e fui) e Roberto, dois anos mais velho.

Algumas das pessoas mais idosas do lugar até hoje se comprazem em dizer que a riqueza de meu pai teve origens misteriosas.

Segundo afirmam fora ganhador em um jogo de cartas, em Marselha, com o comandante de um navio mercante inglês. Depois de haver perdido todo o dinheiro que trazia consigo, o comandante teria comprometido também uma enorme carga de enxofre embarcada na longínqua Sicília por conta de um negociante de Liverpool; então, desesperado, fazendo-se ao largo, afogou-se em alto mar. Assim, aliviado também do peso do comandante, o navio chegara a Liverpool. Sorte que ele tivesse por lastro a malignidade dos meus concidadãos... Possuíamos terras e casas. Sagaz e aventureiro, meu pai nunca teve para os seus negócios uma sede estável; sempre rodando com aquela sua embarcação, comprava onde havia maiores vantagens e logo revendia mercadorias de toda espécie. Como não se sentia tentado por empresas muito grandes e arriscadas, investia pouco a pouco seus lucros em terras e casas, esperando assim repousar entre as riquezas duramente conquistadas, na companhia da mulher e dos filhos.

Primeiramente adquiriu as terras das *Due Riviere*, ricas em oliveiras e amoreiras; em seguida, a propriedade da *Stía*, também ricamente beneficiada por uma bela nascente de água, que foi captada para o moinho; depois, toda a colina do *Sperone*, o melhor vinhedo da nossa região; e, por fim, *San Rocchino*, onde edificou uma deliciosa residência de campo. Além da casa em que habitávamos adquiriu mais duas outras e todo aquele quarteirão, agora reduzido e arranjado em arsenal.

Sua morte, quase repentina, foi a nossa ruína. Minha mãe, inepta para cuidar da herança, viu-se obrigada a recorrer a uma pessoa que devia sentir-se na obrigação de testemunhar um pouco de reconhecimento por todos os benefícios recebidos de meu pai, e que além do zelo e da honestidade, era altamente remunerado.

Santa mulher, a minha mãe! De índole esquiva e muito plácida, tinha pouquíssima experiência da vida e dos homens. Ouvindo-a falar, dir-se-ia uma criança. Falava pelo nariz e ria da mesma forma, como se tivesse vergonha de rir, apertando os lábios. De complexão muito delicada, após a morte de meu pai esteve sempre com a saúde abalada. Nunca se queixou de seus males, aceitando-os resignadamente e os considerando consequência natural

da sua desventura.

Como talvez esperasse morrer de pesar, é bem provável quem ainda agradecesse a Deus por conservá-la com vida para o bem dos filhos.

Tinha por nós uma ternura verdadeiramente mórbida, cheia de palpitações e sobressaltos, querendo-nos sempre perto, como se receasse nos perder. Bastava nos afastarmos um pouco para as criadas começarem a busca pela vasta casa.

Como cega, se deixara inteiramente guiar pelo marido; quando este morreu, sentiu-se perdida no mundo. E não saiu mais de casa, a não ser aos domingos de manhã cedo para ir à missa acompanhada pelas duas velhas criadas, quem tratava como pessoas da família.

Dentro de casa só eram ocupados três cômodos, ficando o resto entregue aos escassos cuidados das criadas e às nossas diabruras.

Na casa exalava-se de todos os antigos móveis e das cortinas desbotadas aquele bafio particular das coisas velhas, como se fora o hálito de outra época. Lembro-me que mais de uma vez olhei em torno de mim, com a estranha consternação provocada pela imobilidade silenciosa daqueles velhos objetos, há anos ali sem uso e sem vida.

Entre aqueles que mais freqüentemente nos visitavam havia uma irmã de meu pai, solteirona extravagante e orgulhosa, morena e com dois olhos abelhudíssimos. Chamava-se Escolástica. Em todas essas visitas demorava pouquíssimo, pois estando conversando de repente se enfurecia e ia embora sem se despedir de ninguém. Quando pequeno eu tinha muito medo dela. Eu a olhava espantado quando a via levantar-se de um salto, furiosa, e a ouvia gritar, voltada para minha mãe e batendo o pé raivosamente no chão:

— Está sentindo o vazio? A toupeira! A toupeira! Referia-se a Malagna, o administrador que às escondidas cavava a nossa sepultura.

Tia Escolástica queria a todo custo que minha mãe se casasse de novo. Segundo o costume, as cunhadas não têm destas idéias nem dão tais conselhos.

Ela tinha um sentimento áspero e opressivo da justiça e, certamente mais por isso que por nosso amor, não podia tolerar que aquele homem nos roubasse até não poder mais. Ora, devido à absoluta inércia e cegueira de minha mãe, não via outro remédio senão um segundo marido. E o designava até na pessoa de um pobre homem, chamado Jerônimo Pomino.

Era viúvo, com um filho que ainda vive e se chama Jerônimo também e que é muito amigo meu, ou melhor, mais que amigo, como direi mais tarde. Desde menino vinha com o pai a nossa casa e era o desespero meu e de meu irmão Berto.

O pai, quando jovem, havia longamente aspirado à mão de tia Escolástica, que não quisera saber dele, como de nenhum outro. Mas não exatamente por não se sentir disposta a amar. Dizia que a mais leve suspeita de traição, mesmo por pensamento, poderia levá-la a trucidar o bem-amado. Para ela, todos os homens eram fingidos, velhacos e traidores. Até Pomino? Não, vejam só, Pomino não. Mas tinha percebido muito tarde. De todos os homens havia conseguido descobrir alguma traição, com a qual se deleitava ferozmente. Mas de Pomino, nada; pelo contrário, o pobre coitado tinha sido um mártir da mulher.

E por que ela não se casava com ele? Ora, essa é boa, porque Pomino era viúvo! Tinha pertencido a outra mulher, na qual poderia pensar. E depois se via a cem milhas de distância, que, apesar da timidez, que ele estava apaixonado e se percebia por quem...

Como se minha mãe pudesse algum dia consentir! Aquilo teria parecido verdadeiro sacrilégio. Tampouco acreditava que tia Escolástica falasse seriamente, e ria, com aquele seu jeito particular, diante dos enfurecimentos da cunhada e das exclamações do pobre senhor Pomino, que se encontrava presente a tais discussões e para o qual a solteirona arremessava os mais exagerados elogios.

Imagino quantas vezes ele terá exclamado, mexendo-se na cadeira, como num instrumento

de tortura:

— Louvado seja Deus!

Era um homenzinho limpo, arrumado, dos olhinhos azuis e mansos, e creio quem se empoasse e tivesse também a fraqueza de passar nas faces um pouco de ruge, mas só um pouquinho. Certamente ele se sentia orgulhoso por ter conservado até aquela idade os cabelos penteados com enorme cuidado, formando pastinhas sobre a testa e que ele recompunha freqüentemente com as mãos.

Não sei como teriam andado nossos negócios se minha mãe, evidentemente não por si, mas considerando o futuro dos filhos, tivesse seguido o conselho de tia Escolástica, casando-se com o senhor Pomino. Está fora de dúvida que os negócios não teriam sofrido pior sorte do que nas mãos de Malagna (a toupeira!).

Quando Berto e eu crescemos, grande parte dos nossos bens tinha desaparecido. Teríamos podido salvar das garras daquele ladrão o resto, que nos teria permitido viver se não abastadamente, pelo menos sem passar necessidades. Mas fomos dois vadios. Não quisemos assumir responsabilidades, continuando a viver como nossa mãe nos havia acostumado em pequenos.

Ela não quisera nem ao menos nos mandar à escola. Um tal Pinzone foi nosso preceptor. Seu verdadeiro nome era Francisco, ou João Del Cinque, mas todos o chamavam Pinzone e de tal forma se havia habituado com o nome que ele mesmo se chamava assim.

Sua magreza era tanta que infundia horror. Altíssimo de estatura, mais alto seria, santo Deus, se o busto, como se cansado de continuar subindo, não se tivesse curvado embaixo da nuca em discreta corcunda, de onde o pescoço parecia sair dificultosamente, semelhante ao de um frango depenado como uma protuberância que subia e descia. Pinzone se esforçava muitas vezes por reter entre os dentes e os lábios, como para morder, castigar e esconder, um risinho cortante que lhe era próprio. Mas o esforço em parte era vão, porque o risinho, não podendo sair pelos lábios assim aprisionados, escapava-lhe pelos olhos, mais agudo e impertinente que nunca.

Com aqueles olhinhos ele devia ver em nossa casa muitas coisas quem nenhum de nós via. Não falava, talvez porque achasse que não era seu dever falar, ou porque, segundo me parece mais provável, ele se divertisse venenosamente em segredo. Fazíamos dele o que nós queríamos. E ele ia deixando. Mas depois, como se desejasse ficar em paz com a própria consciência, no momento em quem menos esperávamos, ele nos traía.

Um dia, por exemplo, nossa mãe ordenou que nos levasse à igreja, estava próxima a Páscoa e devíamos nos confessar. Depois da confissão, uma rápida visitinha à enferma esposa de Malagna, e em seguida diretamente para casa. Imaginem que divertimento! Mas na rua nós dois propusemos a Pinzone uma fugida. Pagar-lhe-íamos um bom litro de vinho, e ele em vez de nos levar à igreja e à casa de Malagna nos deixaria ir a *Stia* para procurar ninhos. Pinzone aceitou felicíssimo, esfregando as mãos e com os olhos faiscantes. Bebeu. Fomos à propriedade. Bancou o maluco em nossa companhia por cerca de três horas, ajudando-nos a trepar nas árvores e trepando ele também. Mas de tardinha, de volta a casa, logo que nossa mãe lhe perguntou se havíamos feito a confissão e a visita:

— Bom, vou dizer. . . — respondeu o mais descaradamente possível.

E narrou coisa por coisa o quem tínhamos feito.

De nada adiantavam as vinganças que tirávamos dessas traições. E me lembro que não eram de brincadeira. Uma vez Berto e eu, sabendo que ele costumava dormir à espera do jantar sentado no banco da saleta de entrada, pulamos às escondidas da cama onde estávamos de castigo. Conseguimos descobrir um tubo de estanho, de clister, com dois palmos de comprimento e enchemo-lo com água e sabão no depósito de lavar roupa, e assim armados

fomos cautelosamente até ele, aproximamos o tubo de suas narinas e... Ziffff! Vimo-lo saltar até o teto.

O quanto devêssemos progredir nos estudos com um preceptor dessa ordem não será difícil imaginar. A culpa não era toda de Pinzone. Até pelo contrário, contanto que nos fizesse aprender alguma coisa e não olhasse método nem disciplina, recorrendo a mil expedientes para prender de algum modo nossa atenção. E muitas vezes o conseguia, principalmente comigo, já quem eu era mais suscetível a me deixar impressionar. Ele tinha uma erudição curiosa e bizarra, sendo versadíssimo em calembur, e conhecia toda espécie de poesia burlesca e macarrônica. Citava aliterações, anominações e versos correlativos, encadeados e retrógrados de todos os poetas desocupados e ociosos, compondo também não poucas rimas extravagantes.

Lembro-me que um dia em *San Rocchino* nos fez repetir, não sei quantas vezes, na colina em frente, este seu eco:

*Eco:*

*Em alma de mulher, quem representa — (Dor).  
E a amada cruel não me há de querer mais? — (Jamais).  
Mas quem és tu quem choras enquanto impreco? — (Eco).*

E nos dava para decifrar todos os *Enigmas* em oitava rima, de Júlio César Croce, e os sonetos de Moneti e de outro ociosíssimo que tivera a coragem de se esconder sob o nome de Catão de Utica. Transcrevera-os com tinta suja de tabaco, nas páginas amareladas de um velho caderno.

— Atenção, ouçam este outro de Stigliani. Que beleza! O quem será? Ouçam:

*Sou duas, muito embora uma pareça e o quem era um eu faço em dois também; contra infindáveis quem há pela cabeça aquela me usa com os cinco quem tem. Meus dois umbigos, um de cada lado, marcam-me onde a boca se inicia.  
Eu com dentes não mordo de bom grado e se não mordo, não terei valia.  
Nos meus dois pés é quem os dois olhos tenho e é com os dedos nos olhos quem me empenho.<sup>1</sup>*

(<sup>1</sup>Nota – Tesoura)

Parece-me vê-lo ainda, recitando embevecido com os olhos semicerrados e fazendo castanholas com os dedos.

Minha mãe estava convencida de bastar para as nossas necessidades pessoais o que Pinzone nos ensinava, e ouvindo-nos recitar os enigmas de Croce ou de Stiglian provavelmente achava que tínhamos conhecimentos de sobra. Tia Escolástica não era da mesma opinião, e não tendo conseguido impringir na cunhada o seu querido Pomino, passou a nos atazanar. Mas Berto e eu nos apoiávamos na proteção de nossa mãe e não lhes dávamos importância, e ela só faltava morrer de raiva. Se tivesse conseguido passar despercebida, certamente nos teria espancado até arrancar o couro. Lembro-me que um dia, indo-se embora zangadíssima, como de costume, topou comigo num dos cômodos abandonados. Agarrou-me pelo queixo, apertando-o com força e dizendo:

—*Engraçadinho! Engraçadinho! Engraçadinho!* — Enquanto isso chegava cada vez mais perto o meu rosto perto do seu, fixando-me dentro dos olhos, até que emituiu uma espécie de



grunhido e me largou, entre os dentes:

—Focinho de cachorro!

Ela implicava sobretudo comigo, eu que afinal de contas me dedicava muito mais que Berto aos estrambóticos ensinamentos de Pinzone. Mas com certeza devia ser por causa do meu jeito plácido e irritante e dos grossos óculos recentes que me haviam coagido a usar para me endireitar um olho, e ignoro o porquê dele olhar por conta própria e sei lá em que direção. Aqueles óculos eram um verdadeiro martírio. Até que um dia eu os joguei fora, dando ao meu olho a liberdade de agir segundo bem entendesse. Tanto mais que, mesmo direito este olho não me teria feito bonito. Eu era sadio e me bastava.

Aos dezoito anos, me invadiu o rosto enorme barba avermelhada e crespa, com prejuízo do meu não grande nariz, que se viu perdido por causa da proximidade da fronte, larga e grave. Talvez se estivesse em poder do homem a faculdade de escolher o nariz adequado ao próprio rosto, ou se diante de um infeliz oprimido por um nariz muito grande para a sua cara macilenta, pudéssemos dizer-lhe: —Este nariz me serve, vou ficar com ele —talvez eu tivesse trocado o meu, de bom grado. E assim em relação aos olhos e tantas outras partes do meu rosto. Mas sabendo que tal não é possível, e resignado às minhas feições, não me preocupava com esses detalhes.

Berto, pelo contrário, bonito de rosto e de corpo (ao menos comparado a mim), não conseguia afastar-se do espelho e se alisava, se acariciava e esbanjava dinheiro sem fim com as gravatas mais novas, os perfumes mais finos e o vestuário. Um dia, para aborrecê-lo, apanhei do seu guarda-roupa uma casaca novinha em folha, um elegantíssimo colete de veludo preto, um precioso chapéu e fui assim paramentado à caça.

Batta Malagna, entretanto, vinha lamentar-se junto de minha mãe a propósito dos maus negócios que o obrigavam a contrair dívidas onerosíssimas para fazer frente às nossas excessivas despesas e aos inúmeros trabalhos de reparação de que as terras necessitavam constantemente.

— Tivemos outro belo prejuízo! — dizia cada vez que entrava.

A neblina tinha destruído as oliveiras em flor em *Due Riviere*. Ou então a filoxera tinha devastado os vinhedos do *Sperone*. Era preciso plantar as videiras americanas, resistentes ao mal. Portanto, outras dívidas. Depois aconselhou a vender o *Sperone*, depois *Due Riviere*, depois *San Rocchino*. Restavam as casas e a propriedade da *Stúa*, com o moinho. Minha mãe esperava o dia em que ele viesse anunciar que a nascente havia secado.

É verdade que nós fomos ociosos e gastávamos sem controle; mas também é verdade que um ladrão mais ladrão do que Batta Malagna não nascerá nunca mais na face da terra. É o mínimo que posso dizer a seu respeito, em consideração para com o parentesco que fui obrigado a contrair com ele.

Teve a arte de nunca nos deixar faltar coisa alguma enquanto minha mãe viveu. Mas aquela facilidade, aquela liberdade levada ao capricho que nos deixava gozar servia para esconder o abismo que, após a morte de minha mãe, devorou somente a mim, já que meu irmão teve a sorte de contrair em tempo um casamento vantajoso.

O meu casamento, ao contrário...

— Mas terei de falar, Dom Eligio, do meu casamento? Trepado lá em cima na sua escada, Dom Eligio Pellegrinotto me responde:

—E como não? Claro que sim. Discretamente. . .

— Que discretamente, que nada! O senhor sabe muito bem que...

Dom Eligio ri e com ele toda a igrejinha abandonada. Em seguida me aconselha:

— Se eu estivesse no seu lugar, senhor Pascal, haveria primeiro de ler alguma novela de Bocácio ou de Bandello. Por causa do estilo, o estilo...

Dom Eligio liga muito ao estilo! Ufa! Jogo tudo no papel de qualquer maneira, como me vem.

Coragem, pois Adiante!

## IV FOI ASSIM

Um dia, na caça, parei estranhamente impressionado diante de um palheiro baixo e pançudo com uma penelinha no alto do eixo.

— Eu te conheço — dizia-lhe — eu te conheço.

Depois, de repente, exclamei:

— Ora essa! Batta Malagna!

Peguei um tridente que estava ali no chão e cravei na pança com tanta volúpia que a panelinha no alto do eixo por pouco não caiu. E eis que Batta Malagna, suando e ofegante, usando o chapéu de lado.

Tudo escorregava nele: escorregavam-lhe daqui e dali, ao longo do enorme rosto as sobrelhas e os olhos; escorregava-lhe o nariz por cima do desenxabido bigode e da barbixa; escorregavam-lhe os ombros da articulação do pescoço; escorregava-lhe a enorme e flácida pança quase até o chão, porque devido à proeminência que ela formava sobre suas perninhas maciças, o alfaiate, para vesti-las era obrigado a cortar-lhe as calças o mais folgadoamente possível. Assim, de longe, parecia usar uma roupa comprida, dando a impressão de que a pança lhe tocava os pés.

Com tal rosto e tal corpo, não entendo como é que Malagna conseguia ser o ladrão que era. Mesmo os ladrões, creio, devem ter certa apresentação que ele não parecia possuir.

Caminhava devagar, a pança pendente, as mãos sempre para trás, e arrancava com o maior sacrifício aquela voz mole que miava. Gostaria de saber como ele argumentava com a própria consciência pelos furtos, continuamente perpetradas em nosso prejuízo. Não tendo a necessidade de roubar, uma razão, uma desculpa para si mesmo deveria arranjar. Talvez roubasse pretendendo se distrair de algum modo, coitado.

Devia ser, no íntimo, tremendamente atormentado por uma dessas esposas que se fazem respeitar.

Havia cometido o erro de se casar com alguém de condição muito superior à sua. Ora, se essa mulher fosse casada com um homem de igual condição talvez não fosse tão impertinente como era com Malagna, a quem naturalmente diante do mínimo pretexto devia demonstrar que tivera nascimento ilustre e que na sua casa se fazia dessa forma e daquela. E eis Malagna obediente, agindo dessa maneira a fim de parecer um cavalheiro. Mas como lhe custava! Como suave!

A Senhora Guendalina, logo depois casamento, foi atacada por um mal de que nunca se livrou, pois a cura exigia um sacrifício superior às suas forças: mais nem menos, privar-se de certos doces com trufas, que eram muito de seu agrado e de outras gulodices símiles também, sobretudo do vinho. Não que bebesse muito. Duvido. Era de nobre linhagem. Mas é que não devia beber nem um dedo sequer.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

